

## História Comum

### 1. A porta

Havia roubado uma porta. Era rapaz inteligente, safo, de boa família. Na hora da invasão do conjunto habitacional, chovia fininho. 'Tava passando pelo lugar moscando, em seu camelo, vindo do colégio. Viu a correria; curioso, perguntou a um que passava correndo, carregando uma pia com as torneiras no lugar. Era uma invasão, disse o negão. Cada um 'tava pegando o que podia. Desgarrou do negão, partiu para o meio da muvuca, curioso, livros enrolados num plástico, no porta-embrulho. Casas todas iguaizinhas, cor-de-areia, semi-acabadas, duas águas. Entrou numa delas, mãos firmes no guidão da bicicleta. Tinha algumas pessoas dentro – crianças, um brotinho de uns 13, 14, moreninha jeitosa, magrinha, empinada, com uma janela basculante de alumínio sobre a cabeça. Do lado do vazio da janela, uma porta arrancada, dobradiças torcidas. No osso, parecia madeira boa, clarinha. Deu uma loucura – agarrou a porta, saiu puxando ela para fora da casa, esbarrando nas crianças, com dificuldade: bicicleta numa das mãos, a porta, arrastada, na outra. Porta simples, novinha, lisa. No osso. Saiu correndo, sem direção. Apenas queria participar, depois veria pra que ia servir a sua porta. Sirenes, sirenes. Alguns gritos de aviso. Debandada para a favela do lado. Sentiu, mais do que viu, a garota do basculante passar *batida* a alguns metros. Tentou segui-la, driblando as primeiras poças d'água. Gritos, tiros, uma explosão, sirenes uivando, mais perto, mais perto, cada vez mais perto. Debandada. Escuridão.

Escuridão. Carandiru, três meses depois. Preso. Bloco 7, presos comuns. Uma porta. A mãe, se acabando de tristeza, se consumindo. Vinha todas as quartas de Americana, trazia coisas, leite condensado, pomada anticocus, biscoito recheado, bolo de fubá com casquinha de açúcar, cigarro não, que não fumava. Tudo rapidamente roubado e consumido na frente dele. Não, roubado não, que entregava tudo na mão dos chefões. Ficava com as sobras e a pomada. Dizia pra mãe que *estava tudo bem, mãe, não se preocupa... Está tão magrinho, meu filho, não mãe, estou bem, saio logo daqui, não se preocupa, tá, mamãe?*

Não pensava em nada. Via a ferida aberta na canela, mal curada, resto da briga que teve na primeira semana, na primeira noite. Resistiu à curra, até não poder mais. Bateu, que era bom de briga, faixa azul, bateu muito, mas não dava pra se espalhar na cela apertada. Quando faltaram as forças, uma covardia, seis safados!, Chutaram e bicaram e socaram muito, com raiva, antes de se aproveitarem dele. Todos. Agora, contava moscas na cela superlotada. Era a mula dos chefões da cela. Só dos chefões. Era a lourinha, a branquinha dos chefões. Já não brigava mais. Quando ficava em paz, quando deixavam ele em paz, contava as moscas que ia matando, só as que pousavam na canela esquerda dele. Matava e guardava na caixinha de fósforos Fiat Lux vazia que guardava no bolso da bermuda xadrez. Tinha mais ou menos meia-caixinha de moscas. Depois da bóia do jantar, depois que deixavam ele em paz, pegava a caixinha, abria, tirava as moscas uma a uma e escrevia coisas com as mosquinhas mumificadas no chão de cimento liso da cela. No início, fazia filas de moscas, desenhos simples. Depois, já dava pra escrever: *porta, bike, chefão, terror, mamãe, mamãe, mam...* Quando escrevia *mamãe*, sempre repetia. As mosquinhas que tinha ainda não completavam três *mamães*; pelos seus cálculos, antes da ferida fechar ainda daria para repetir seis, sete, oito vezes, MAMÃE, MAMÃE, MAMÃE... Quando os chefões o pegavam, fechava os olhos, e pensava – que fim levou aquela porta filha da puta? E pensava que, talvez, a moreninha do basculante... Depois que acabava, ficava no seu canto, à espera das moscas de dorso verde-brilhante, com os olhos fixos na canela esquerda branca da pomada com cheiro de peixe.

Faltava pouco para sair da cana, mas tinha fé que ainda pegaria o número de moscas suficiente para escrever o que sentia por dentro, ali, na escuridão, que estava ficando craque em pegar moscas sem destruí-las – com delicadeza, rapidez e precisão. Estava ficando um caça-moscas muito craque...

## 2. Mosca

Entrou em meu campo de visão. A mosca. Mosca comum, dessas que acompanham a gente à mesa. Tinha um vôo comum, também. Estava deitado de costas, olho no teto. Janelas abertas, manhãzinha nublada. Entrou em meu campo de visão, mas há algum tempo já tinha percebido sua presença: o zumbido. Zumbido um pouco mais longo que o usual, mas o timbre, o timbre era igual às outras moscas – se prestasse atenção, dava para perceber o Doppler, como um trem apitando, ao passar à toda por uma estaçãozinha, sem parar. Por isso, chamo esse efeito de “zumbido de trem”. Veio de fora, dos fundos da casa. Pousou no teto (isso é raro: as moscas pousam mais nas paredes, em algum ponto distante do nosso corpo, se estamos descobertos, ou nas cobertas, às vezes no guarda-roupa). Bem na direção da minha cabeça. Observei. Mosca comum. *Musca domestica*. Inseto díptero. Asas membranosas. Como papel celofane. Ficou bastante tempo no lugar, o corpo para baixo. Levantei o corpo (fechar a janela). A mosca, imóvel. Disfarcei. Risco de assustar. Fechei a janela, cuidadosamente. O quarto escuro. Consegui. Levantei, já sem nenhum cuidado, pus os chinelos de dedo vermelhos. Estava como a mosca: nu. Acendi a lâmpada, fácil: a tomada é fosforescente. Olhei para o teto. A mosca não estava mais. Voltei para a cama, e puxei a coberta até o pescoço, como se estivesse com frio. Prendi a coberta listrada com os calcanhares. Examinei o quarto, para localizar a mosca. Estava na parede do canto da cama de cimento, meu canto direito, 50 centímetros acima do colchão. Posicionada de cabeça para cima, com o corpo ligeiramente inclinado para a direção da minha cabeça, e a cauda na direção dos meus pés cobertos, calcanhares prendendo a coberta de algodão. A mosca era, mesmo, do tipo comum. Os olhos grandes, ovais... Zumbia com suavidade, de forma contínua. Uma linda mosca, cor negra com reflexos verde-metálicos, pequena, delicada. Romântica. A luz permitia que visse seus pelos (cerdas, é o nome técnico). Retirei cuidadosamente a mão direita debaixo da coberta azul, e estiquei o braço. Lentamente. Não queria pegar a mosca. Ainda. Queria medir a distância, sabia que ia voar para longe de mim. Estiquei o braço (o direito). Voou para mais longe, com um *loop* amplo, e voltou a pousar alguns centímetros acima de onde estava antes. Meus dedos médio e anular tocaram a parede branca. Um braço de distância. A mosca, imóvel. Zumbindo suavemente. Com o braço esticado, virei o corpo, para ganhar mais amplitude de movimento. Apoiei o corpo no ombro direito, corpo meio inclinado. A mosca, imóvel. Diminuí a distância andando com os dedos, lentamente, os dedos médio e anular, andando lentamente. Olhando para a mosca. Os dedos chegaram perto da mosca, uns 3, 5 centímetros. A mosca zumbindo. Suavemente. Avancei. A luz da lâmpada iluminava bem seu dorso. Avancei um pouquinho mais, passos sorrateiros. Disfarçados. A mosca voou para a outra parede, sem zumbir. Voou novamente, e circundou minha cabeça, bem de perto. Doppler. Trem. Vai-e-vem. O braço, parado. Os dedos, o médio pousado na parede, o anular levantado. No meio do passo. O braço, cansando. Suor na testa. Olhei mais. Continuou a voar. O braço caiu, descuidado. Deslizou para baixo da coberta listrada, empurrou com vagar a coberta até a ponte do nariz, como uma máscara de mulher árabe. Ou bandido de faroeste. Levanto a mão esquerda até a coberta listrada. Seguro sua franja. Suor na testa. Vôo de vai-e-vem, Doppler. Os olhos rastreando. Só os olhos vivos. A mosca voltou para a parede, parou. Mas de repente, como que despencou para minha testa. No meio da testa. Parou. Andou um pouco, na direção de minha sobrelanceira esquerda. Parou. Cócegas. Zumbido baixo constante. Mão direita segurando a coberta listrada. Mão esquerda segurando firmemente a

coberta listrada. Medo de mexer mais a mão esquerda e afastar a mosca, perder contato. Canto do olho (o esquerdo). Zumbido fraquinho. Parou de zumbir. Movimento brusco: mão direita, mão esquerda, coberta listrada de azul e amarelo, travesseiro de espuma, fronha, tudo muito rápido, mão batendo na parede branca, na direção da cabeça. Mosca aprisionada pela coberta de algodão listrada de azul e amarelo. Travesseiro de espuma no chão. Cabeça no lençol, também ele listrado. Zumbido muito intenso, dolorido, pungente. Perto de meu ouvido esquerdo. Zumbido glorioso! Mão na testa, segurando um punhado da coberta de algodão listrada de azul e amarelo, franjada. Mão esquerda. Zumbido intenso, muito intenso. Muito intenso. Vôo aos arrancos, pra-lá-e-prá cá, vôo curtinho, na frente da minha orelha esquerda. Escurinho.

Penso na caixa de fósforos. Caixa de fósforos Fiat Lux, vazia, na mesinha de cabeceira, à minha esquerda, perto dos óculos de ler, o de aros azuis de plástico. No canto da mesinha de cabeceira. Caixa de fósforos ao alcance de minha mão direita, ainda coberta, ainda imóvel. A mosca, zumbindo. Mas sem Doppler.

### **3. Compromisso de amor**

Queria porque queria estar bem enfeitado, especialmente enfeitado para seu encontro. Antes do banho, separou a melhor roupa na cama: a calça de marca, quase nova, a camisa verde-clarinha de seda, o blusão por cima, o de jeans desbotado – e o resto, cinto, as meias, o tênis, a cueca. O banho foi demorado, cuidadoso, xampu na cabeça e no corpo todo. Água vapor puro, quase pelando. Unhas escovadas debaixo do jato d'água, o trato nos cabelos, o aparelho gilete na pele quentinha e molhada, o rosto todo cuidadosamente escanhoado, e depois, a toalha limpinha... Já vestido e perfumado, pegou em cima da cômoda a carteira com o dinheiro e documentos, o maço de cigarros e a caixa de fósforos, o chaveiro, o relógio, o anel de ônix – tudo o que precisava para ficar bem bonito, bem gato para o primeiro encontro a sério com sua amada. Era preciso impressioná-la – a roupa faz o homem, sua mãe sempre dizia. E era verdade.

\*\*\*

Pegou o maço de cigarros do bolso do blusão. Escolheu um cigarro, e catou a caixa de fósforos no bolso da calça. Nunca se habituara a usar isqueiro. Acendeu o cigarro meio amassado. Distraidamente, guardou o fósforo usado de novo na caixa. Tragou uma, duas vezes, suspirou, mudou de posição, encostando-se ao desvão da parede da casa de vila. Na escuridão, esperava. Ela vinha sempre mais ou menos àquela hora. Todos os dias, menos nos fins-de-semana. Passos rápidos, quase afobados. Sempre só, com os livros abraçados no peito, o porta-folhas junto aos seios, como uma armadura, como proteção inconsciente. Sempre de jeans, sempre com uma camisa hering, sempre de sandálias altas. Torcia que hoje ela viesse com aquela branca, anabela, que a deixava ainda mais esguia, mais leve... Seria ainda mais perfeito, seria mágico se estivesse com o colarzinho de pérolas, de uma volta, enfeitando o pescoço...

Passava sempre apenas a alguns centímetros dele. Quando passava pelo exato vão onde se escondia, tinha forçosamente que prender a respiração e até pensava em fechar os olhos, pro brilho não trair sua posição. Mas olhava sempre, e via sua amada como numa cena de clip: o nariz delgado e o rosto sério, a orelha esquerda sem brinco, os cabelos castanhos-escuros, a penugem rebrilhante na nuca quando vinha com os cabelos presos em coque. As lombadas de seus livros... Ela se afastando, apressada, numa última visão por trás, de viés, harmoniosa, rápida, rápida, rápida... Era lindo de ver! Sempre olhando para frente, sempre ereta, sempre

com temor (do que, não sabia; teria seu guardião sempre bem por perto, sempre, todas as noites).

Ainda dava para terminar o cigarro; só chegaria em mais 10, 15 minutos. Ela era um relógio: descia do ônibus das 11 que a trazia da escola, andava os quarteirões que a separavam de casa, rápida, e passava sempre, a meio caminho, por ele. Sempre abraçada aos cadernos e livros e ao porta-folhas, mochilinha nas costas, cabelos quase sempre presos. Já aprendera toda a sua geografia: sabia como andava, como não olhava jamais para os lados e nem para trás, séria, tensa, mas linda, maravilhosamente linda, com aquele pescoço de mármore, as penugens, os braços bem feitos, a boca séria e farta, o corpo de menina e as pernas bonitas de se ver, rápidas e ruidosas, o roçar das coxas fartas, passadas apressadas, velozes, o som das sandálias altas no piso de concreto da calçada...

Apagou o cigarro na parede e, cuidadosamente, olhou para os lados do ponto de ônibus. Alcançou a faca na cintura, cabo de osso. Acariciou o cabo lisinho. Sentiu, mais do que viu, sua aproximação. Ouviu o ruído do ônibus que se afastava, com um ronco progressivamente mais grave, indo embora, e ela, com certeza, vindo rápida, tensa, intensa. Para seu primeiro encontro de verdadeiro amor, ao encontro da sua felicidade (para nossa felicidade, afinal..., pensou, enquanto se afundava um pouco mais na parede lateral da casa de vila, no desvão cúmplice). Sacou com delicadeza a faca de cabo de osso. Levantou a faca até os lábios, e a beijou com ternura, agradecido intimamente pelo reconfortante friozinho da lâmina. Sua espera estava terminando. Depois de tanto tempo, iria afinal ao encontro de seu grande amor, seu primeiro compromisso, sua mulher, a mulher dos seus sonhos, virgem sem nome, sem identidade e sem mácula, para a união tão desejada – para todo o sempre, para a eternidade. Amém. Até que a morte os separasse...

FIM